

Apresentação

O espaço literário tem comumente se apresentado como local propício para a figuração de identidades, sejam individuais, nas diferentes representações das subjetividades, ou coletivas, na construção de imaginários sobre povos ou nações diversas. A literatura, assim, sempre funcionou como um campo favorável não apenas para se pensar o eu e o nós, mas também o outro, desde uma busca por conhecer a diferença até a produção de uma identidade que se faz em oposição a grupos diversos. Partindo de uma ideia de oposição, Umberto Eco, em “Construir o inimigo” (2011), propõe que “ter um inimigo é importante, não apenas para definir a nossa identidade, mas também para arranjarmos um obstáculo em relação ao qual seja medido o nosso sistema de valores e para mostrar, no afrontá-lo, o nosso valor” (Eco, 2011, p. 12).

Já Roberto Esposito (2010), em *Bios – Biopolítica e Filosofia*, sugere que se pense a dinâmica entre o social e o político, que visa perpetuar um agrupamento humano específico, a partir do paradigma da imunidade. A figura dialética da imunidade coloca-se na interseção entre a vida e o direito. No sentido biomédico, o termo está ligado “a uma condição de refrangibilidade, natural ou induzida, em relação a uma dada doença por parte de um organismo vivo” (Esposito, 2010, p. 73). Em linguagem jurídica, imunidade refere-se “à isenção, temporária ou definitiva, de um sujeito em relação a determinadas obrigações, ou responsabilidades, às quais normalmente está vinculado” (Esposito, 2010, p. 73).

Também Benedict Anderson (2008), em *Comunidades Imaginadas*, se propôs a pensar os vínculos entre sujeitos na construção de uma ideia de comum que se demarca em relação a certa alteridade. A proposta de Anderson é analisar o nacionalismo “alinhando-o não a ideologias políticas conscientemente adotadas, mas aos grandes sistemas culturais que o precederam, e a partir dos quais ele surgiu, inclusive para combatê-los” (Anderson, 2008, p. 32). Esta relação limite entre uma comunidade e aqueles que não fazem parte encontra na literatura um espaço propício de figuração, na medida em que o espaço da cultura é exatamente o de construção e propagação dos imaginários que sustentam identidades.

A proposta do presente número da Revista do Centro de Estudos Portugueses da UFMG consistiu em convidar pesquisadores a refletirem sobre as literaturas de língua portuguesa, em variados contextos e temporalidades, problematizando a construção da outridade, a afirmação de si (subjativa e coletivamente), as

tensões sociais elaboradas pelos textos literários, bem como a recepção desses textos diante de demandas do seu próprio tempo e na longa duração.

O número, que temos o prazer de apresentar, conta com doze textos de pesquisadores de referência de universidades brasileiras e estrangeiras. Em “Dissonâncias, circularidades, assimilações: a conquista colonial de mentalidades”, Alexandre Montauray Baptista Coutinho analisa como a experiência colonial nos países de língua portuguesa produziu o que o pesquisador chama de uma “herança viva”, a partir do controle e da gestão dos imaginários. Nesse sentido, o colonialismo não teria sido apenas uma imposição política ou uma forma de administração daqueles territórios, mas um método de conquista através da cultura que visava perpetuar valores europeus para garantir a permanência das relações de domínio. Para desenvolver a sua ideia, o texto centra-se na figura de Napomuceno da Silva Araújo, protagonista do romance *O testamento do senho Napomuceno*, do escritor cabo-verdiano Germano Almeida, pensado a partir da imagem do “assimilado à europeia”.

Em “Entre Desejo e Dominação: o Africano em *Um Dia Chegarei a Sagres* de Nélida Piñon”, Sandra Sousa discute a representação do personagem africano Akin e a sua relação com o narrador e protagonista Mateus. A relação homoafetiva entre os dois se inscreve num espaço ambíguo, em certos momentos reproduzindo relações de dominação colonial, enquanto em outros subverte as normas morais e sociais vigentes. Ambos os personagens, marcados por uma condição de pobreza e exclusão social, partilham de uma condição marginal, o que desafia uma leitura simplista de exploração imperialista. A narrativa é, assim, composta de tensões e resistências entrecruzadas por dominação e desejo, revelando tanto condições de vulnerabilidade humana quanto a potência de identidades discursivamente constituídas. Assim, a pesquisadora lança luz ao papel da literatura como espaço de reflexão crítica sobre as interrelações do colonialismo com a sexualidade, problematizando as dinâmicas entre desejo, poder e moralidade num espaço de crise entre identidade individual e nacional.

O artigo de Thaíla Moura Cabral, “Desdobramentos da construção ficcional de António Lobo Antunes: do poder ao silêncio”, centra-se na forma como o escritor português constrói representações de alteridade por meio da fragmentação do discurso, da instabilidade dos focos narrativos e do recurso ao silêncio como experiência compartilhada. O trabalho examina os romances *O manual dos inquisidores* (1996) e *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?* (2009) para propor que as marcações do outro como diferença não aparecem apenas como tematização ou conteúdo narrativo, mas também enquanto elementos formais da organização textual que altera a instância narrativa, tensionando os espaços

da fala e da escuta eclipsadas pela incomunicabilidade da enunciação. Para isso, o estudo se apoia na análise da forma narrativa e em passagens específicas dos romances em diálogo com propostas teóricas desenvolvidas por Jacques Rancière no referente à política da escrita e partilha do sensível. A produção de efeitos de silenciamento e exclusão simbólica é atingida, na dinâmica textual de Lobo Antunes, através de procedimentos de escrita específicos como o fluxo de consciência, a sobreposição de vozes e a descontinuidade cronológica. Assim, a forma ficcional adotada pelo autor exerce uma função crítica específica na representação da alteridade evidenciando os impasses comunicativos e a permanência de dinâmicas de poder e dominação nas literaturas de língua portuguesa.

Maria de Fátima Costa e Silva, em “Vivenciamento do outro: o corpo ético e estético n’*O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe”, propõe uma análise do romance centrada na categoria axiológica de corpo ético e estético baseada nas propostas de Mikhail Bakhtin. A autora observa, no texto de Valter Hugo Mãe, a produção de uma relação entre o eu e o outro constitutiva dos personagens como corpos infamiliars, grotescos e calcados na diferença. Complementarmente às contribuições de Bakhtin, as esferas da investigação estética e discursiva se baseiam também em escritos de Sigmund Freud. As diversas formas de dar conta do outro revelam uma busca empática das fronteiras externas dos sujeitos, assim como um projeto literário específico de criação dentro do suporte ficcional.

Em “Quando o narrador encara seus fantasmas: a poética do medo e o espírito da esperança em *No Brasil não há leões*, de Álvaro Curia”, Jorge Vicente Valentim parte de inferências específicas sobre o medo, desenvolvidas por Zygmunt Bauman e Yi-Fu Tuan, para tecer algumas reflexões sobre o último romance do escritor português Álvaro Curia. Em contraposição à poética do medo, o pesquisador propõe o conceito desenvolvido por Byung-Chul Han, em *O espírito da esperança: Contra a sociedade do medo* (2024), como elemento articulado diante da alteridade apresentado pelo protagonista do romance.

Roberta Guimarães Franco, em ““Ter dúvidas hoje é o mesmo que ser cúmplice” – O outro entre nós em *Catarina e a beleza de matar fascistas*, de Tiago Rodrigues” apresenta uma análise sobre a peça encenada pela primeira vez em 2020, que ganhou versão publicada em formato livro em abril de 2024, nos cinquenta anos da Revolução dos Cravos. Tiago Rodrigues, autor da peça, pertencente à geração posterior à libertação do regime fascista, aborda o descompasso entre certezas e dúvidas, assim como o impacto dos acontecimentos passados nas diferentes gerações de portugueses. A pesquisadora levanta algumas perguntas

como pontos fulcrais de reflexão sobre a peça e sobre o espaço cultural como figuração da realidade: o quanto o trauma de uma geração pode atingir seus descendentes? O quanto uma ameaça do passado pode ganhar um novo corpo, um novo discurso, no presente/futuro? O texto apresenta os dilemas de uma tradição deixada como herança e dever de memória diante de uma retomada de tópicos específicos do discurso do Estado Novo Português encampada pela atual extrema-direita ascendente em Portugal. O artigo lança luz para a presença desse outro, o fascista, cada vez mais proeminente, ecoando um programa político que se pensava superado depois do 25 de Abril.

Viviane Vasconcelos, no artigo ““É o quadro que me comprometi com o destino a pintar”: apontamentos sobre o tempo em Vergílio Ferreira e Agustina Bessa-Luís” analisa reflexões específicas levantadas pelos romances *Na tua face* (1993), de Vergílio Ferreira, e *A Ronda da Noite* (2006), de Agustina Bessa-Luís, referentes à relevância do questionamento das categorias da arte. Este questionamento se faz, principalmente, a partir da busca por uma escrita que tensiona a percepção fundamental da manifestação artística, propiciada pela construção de narradores que lançam questionamentos sobre os enigmas da criação. Assim, percepções específicas sobre o tempo são propostas e projetam, consequentemente, imagens do pensamento que dão lugar a complexas reflexões sobre as dinâmicas da criação literária e artística.

Em ““Os que são nossos inimigos”: o mesmo e o outro em *Cabeça de galinha no chão de cimento*, de Ricardo Domeneck”, Rodrigo Garcia Barbosa propõe uma leitura dos poemas de Ricardo Domeneck, presentes na coletânea publicada em 2023. A análise centra-se na relação entre identidade e alteridade, que surge de um registro memorial de marcas da infância e da família, e que envolvem a identidade do próprio poeta. O autor, além de dialogar com a fortuna crítica sobre a obra de Domeneck, se arvora principalmente na visada antropológica de Eduardo Viveiros de Castro, que concebe uma “hipótese perspectivista” situada em regimes ontológicos de povos ameríndios. A identificação da recusa às fronteiras rígidas entre o mesmo e o outro, expressa nos poemas a partir de violências constituintes dos espaços partilhados e das comunidades, conflui para uma aversão às dicotomias excludentes na coletânea selecionada como objeto de análise.

“Figurações do Outro feminino em torno de *Niketche*, de Paulina Chiziane”, de autoria de Fernanda Oliveira da Silva e Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva, analisa as representações do feminino como marca de alteridade no romance *Niketche: uma história de poligamia*, levando em consideração tanto as

personagens representadas na narrativa quanto a posição da autora no campo literário Moçambicano. A investigação consiste em pensar de que modo a obra representa a experiência feminina atravessada por processos de subalternização em articulação às noções de alteridade e discussões teóricas sobre gênero, alteridade e subalternidade, a partir de teóricas como Beauvoir e Gayatri Spivak, com estudos sobre autoria feminina. A obra de Chiziane, não apenas denuncia a condição da mulher moçambicana, como também lança questionamento sobre as fronteiras entre autoria, oralidade e ficção. Ao problematizar a visão da mulher como Outro no plano narrativo e no campo literário, a análise ilumina as marcas do silêncio, da dependência e da desigualdade estrutural na sociedade moçambicana e seus efeitos no deslocamento da autora dentro do sistema literário do país.

““Não foi nada disso que nós combinamos”: *Vaicomdeus, SARL*, de Júlio de Almeida, uma escrita ficcional da história angolana”, de autoria de Renata Flavia da Silva, analisa a obra publicada pelo escritor angolano que estabelece, através das relações entre os personagens Eugênio e Cecília uma complexa dinâmica entre a criação literária e a história de Angola. A narrativa do romance acontece ao longo de quatro dias, dividida em três partes “Vivos” (*lento ma non troppo*); “Mortos” (*allegro com spirito*); e “Renascidos” (*finale: alla breve*), onde se condensam quarenta anos da história do país, das lutas de libertação aos conflitos civis do pós-independência. A obra de Júlio de Almeida convida os leitores ao confronto entre memórias fictícias das personagens com a trajetória política do autor. A memória geracional encenada pelas personagens apresenta convergências e divergências acerca das mudanças políticas vivenciadas no país durante a luta pela independência e após a sua conquista.

Angelo Adriano Faria de Assis, em “Figurações do distinto: narrar o “outro” a partir dos estudos inquisitoriais em Portugal e no Brasil”, propõe uma análise de como os estudos inquisitoriais nos dois países permitem compreender a construção histórica de figuras de alteridade em sociedades ibéricas e coloniais. Apoiando-se em autores como Martius, Herculano, Quental, Abreu e Freyre, o autor revela como a documentação da inquisição revela uma sociedade marcada por tensões, religiosidades conflituosas, diversidade cultural e mestiçagens. Os documentos apresentam práticas associadas tanto a cristãos-novos quanto a religiosidades de matriz africana e indígenas, além de sexualidades dissidentes e circulação de livros proibidos. O que se revela são outras experiências constitutivas da formação nacional, antes inviabilizadas pelas narrativas tradicionais. Assim, o artigo defende que a compreensão da formação luso-brasileira

depende do reconhecimento de uma profunda pluralidade cultural e étnica que desafia modelos cristalizados em exclusões sociais e permanência histórica de preconceitos.

O artigo “A estetização da alteridade cigana nos entremezes do século XVIII”, de Juliana da Silva Henrique, centra-se na leitura crítica dos entremezes postos em circulação durante o século XVIII em Portugal para demonstrar o modo como as mulheres ciganas foram representadas como personificadoras das práticas mágicas supostamente avessas à racionalidade moderna. O trabalho evidencia, assim, o processo de produção de uma alteridade com efeitos violentos contra a mulher cigana, representante de um estereótipo da trapaceira, produzindo exclusão social e uma mentalidade anticigana em Portugal.

A última contribuição do dossiê é uma entrevista, conduzida por Denis Leandro Francisco e Gabriela Eufrásia Sousa Passos, com o escritor Gabriel Mamani Magne, autor de *Seul, São Paulo* (2019). O texto apresenta a perspectiva do escritor boliviano, que mora no Brasil, acerca de temas como a globalização, as diferenças entre a forma como a Bolívia e o Brasil olham os contextos externos, o bilinguismo nos contextos diaspóricos, além de tratar do intencional afastamento autobiográfico, apesar da questão migratória em comum, e a relação entre a literatura e o lugar de grupos e sujeitos subalternizados.

Esperamos que o Dossiê **Figurações do outro nas literaturas de língua portuguesa** possa, a partir das discussões estabelecidas nos textos que o compõem, e da diversidade de obras, autores e contextos analisados, fornecer significativa contribuição para os estudos acerca da representação do Outro presente nas literaturas produzidas em língua portuguesa.

Profa. Dra. Roberta Guimarães Franco (UFMG/CNPq)
Profa. Dra. Sandra Sousa (University of Central Florida)
Profa. Dra. Renata Flavia da Silva (UFF)
Prof. Dr. Daniel Marinho Laks (UFSCar/CNPq)